

## **A PRÁTICA DA LEITURA: AÇÕES A PARTIR DA LEITURA E ESCRITA DE GÊNEROS TEXTUAIS DIVERSOS.**

Irailde Dias de Melo

*UniGrendal*

[iraildedias2009@hotmail.com](mailto:iraildedias2009@hotmail.com)

Orientadora: Kátia Farias Antero

*UniGrendal/ IESM/ Faculdade Maurício de Nassau*

[professorakatiaantero@hotmail.com](mailto:professorakatiaantero@hotmail.com)

**Resumo:** Sabemos que um dos principais objetivos da escola hoje é formar cidadãos capazes de ler e interpretar e produzir bons textos, para isso é necessário que a instituição, ofereça oportunidades para que os educandos interajam com bons textos que possam despertar nos mesmos o gosto pela leitura, já que os livros didáticos não mostram a realidade do nosso aluno. Assim a questão problema que nos instigou a investigar sobre o assunto refere-se a saber de que maneira o professor pode desenvolver suas aulas utilizando diversos gêneros textuais de maneira que estimule o aluno a ler e escrever significativamente? Para tanto, o presente artigo é fruto do trabalho desenvolvido na sala de aula, por uma professora junto com os alunos das turmas de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental Geraldo Luíz de Araújo. Situada em Areial no Agreste Paraibano, ministrado nas aulas de História. Nosso objetivo foi verificar como os gêneros textuais são utilizados para a melhora da leitura e da escrita dos alunos, bem como enfatizar a compreensão dessas ações como práticas essenciais para o desenvolvimento da aprendizagem. É necessário que nós, como educadores, ter a consciência que devemos criar espaços nas instituições escolares para pactos de leituras e escrita. Isso se dá a importância, a saber, que cada texto estabelece um elo diferente com o leitor, e é o tipo de texto, o gênero e, por vezes, o suporte onde ele está veiculado a essa relação dos gêneros textuais. É nesta perspectiva de melhorar cada vez mais a leitura e a escrita de nossos alunos que usamos como instrumentos didáticos os gêneros textuais, que circulam na sociedade, discutindo os conceitos de leitura e escrita, que os textos apresentam, de acordo com seus objetivos, numa multiplicidade de sentidos e que, ao mesmo tempo, delimita as possibilidades desta variação, denominado o jogo do prazer da leitura entre o leitor e o texto. Como metodologia utilizamos observar as ações da professora em campo e analisar o que os referenciais teóricos nos trazem como subsídio sobre esse assunto. Ao término da pesquisa, verificamos que é possível proporcionar um aprendizado mais significativo quanto à leitura e escrito através dos gêneros textuais.

Palavras-chave: leitura, escrita, gêneros textuais.

## INTRODUÇÃO

Tendo como base os trabalhos desenvolvidos na sala de aula, este artigo vai falar um pouco desta atividade instrumental, referente ao envolvimento dos alunos nas Práticas de leitura: Ações a partir da leitura e escrita de gêneros textuais diversos. O que observamos é que, as tecnologias existentes no mundo contemporâneo vêm de certa forma, fazendo com que as pessoas e principalmente nosso aluno, coloque a leitura de livros de lado, de modo a tornar-se desinteressados pelos mesmos, adquirindo assim, vocabulários cada vez mais pobres.

Diante desta condição procuramos fazer o diferente, trabalhar uma linguagem diversificada para, além disso, mostrar que a leitura é prazerosa e não obrigação do aluno a ler e escrever. Acreditamos que a leitura é a porta de entrada para a compreensão e interpretação da realidade que nos cerca, tendo em vista que ela nos proporciona conhecimentos mais amplos e diversificados.

O hábito de ler e escrever devem ser estimulados na infância, para que o indivíduo aprenda desde pequeno que ler é algo importante e prazeroso. É importante que nas atividades de leitura, o (a) professor (a) proporcione aos seus alunos a aquisição de conhecimentos referentes aos mais diversos gêneros textuais, enfocando, a função social de cada um. Nesse sentido, ao perceber as dificuldades que nossos alunos apresentam ao realizar as leituras com influência, bem como em relação à escrita de acordo com a norma culta da língua, decidimos desenvolver este projeto, pois acreditamos que ele será de grande importância no qual se refere à melhoria da aprendizagem dos educandos, mediante tais práticas como levar o (a) aluno (as) a compreender que a leitura e a escrita são práticas essenciais para o desenvolvimento da aprendizagem.

Sabemos que muitos alunos não têm um bom domínio da leitura e da escrita, mas temos que incentivar. Um excelente recurso para desenvolvermos isso é através dos gêneros textuais, pois através deles podemos classificar, estimular e desenvolver trabalhos para sanar tais dificuldades ou tentar minimizar a falta de atenção nas leituras, ampliando com isso o conhecimento de todos.

Hoje sabemos que a leitura e a escrita fazem parte do nosso meio, tem, diversos usos e estão presentes na maior parte de nossas atividades. A função delas é extremamente importante, não só dentro da escola, mas também, no meio social em que o aluno (a) vive.

Embora, essas ações se estendam por grandes momentos na sala de aula, nós procuramos aproveitar cada situação em que o alunado esteja lendo e escrevendo suas atividades em um contexto determinante, ao fazer leituras nos livros didáticos, são fundamentais a orientação e o determinismo do aluno para uma boa leitura e produção.

## **Refletindo sobre os gêneros textuais na escola**

Tendo como pressuposto básico que o domínio da leitura e escrita constitui a base para se assegurar o êxito dos alunos no ensino fundamental e, conseqüentemente, o exercício pleno de sua cidadania, ações vêm sendo desenvolvidas pelo MEC, em parceria com os sistemas estaduais e municipais de ensino, com vistas à promoção da lecto-escritura na escola, de forma articulada à Política Nacional de Incentivo à leitura - PROLER, coordenada pela Fundação Biblioteca Nacional.

Nesse sentido cabe destacar, ao lado dos programas sistemáticos da Fundação de Assistência ao Estudante – Programa Nacional Livro Didático e Programa Nacional Salas de Leitura – a implantação pela Secretaria de Educação Fundamental, com a cooperação do Governo Francês, do Projeto Pró Leitura na Formação dos Professores para a Educação Fundamental, que objetiva elevar a qualidade da formação profissional dos docentes, mediante a estreita integração entre a sua formação teórica e prática.

Para desenvolver a prática do ler, do escrever e do dizer, o Pró- Leitura busca instrumentalizar professores e alunos de instituições de formação de professores de nível médio e superior e de escolas de aplicação (pré-escolar e ensino fundamental), mediante a realização de seminários, oficinas de trabalho, reuniões técnicas e, sobretudo, através do apoio à organização e dinamização das salas de leitura e bibliotecas escolares (RODRIGUES. 1993.p.53.)

Ainda que se considere que, no espaço escolar, muitas vezes as atividades de produção de textos – orais e escritos – destinam –se a possibilitar que os alunos desenvolvam melhor competência para a recepção, a discrepância entre as indicações de gêneros apresentadas para a prática de escuta e leitura e para a de produção, procura levar em conta os usos sociais mais frequentes dos textos, no que se refere aos gêneros selecionados, pode-se dizer que as pessoas lêem muito mais do que escrevem, escutam muito mais do que fala (PCN's. 2001.p.53).

Como acontece, fazer uma leitura sem interesse, sem função, pois aparece inteiramente desvinculada dos diferentes usos sociais que se faz da leitura atualmente. Por essas razões, aprendemos a ler a partir do nosso contexto pessoal.

Nós, profissionais da Educação, é que ainda estamos engatilhando no processo de construção de nossos artefatos. Nessa perspectiva, é preciso que, os cursos de formação inicial em parceria com os professores de profissão promovam novas práticas e novos instrumentos de formação, como estudos de caso e práticas, estágios de longa duração, memória profissional, análise reflexiva, problematizações. (SAVIANI. 2007.p. 99).

As pessoas em sociedade, devem ampliar seus gestos de ler e escrever e isso não quer dizer que devam trocar uns pelos outros, embora isso possa ocorrer diante de certas técnicas facilitadoras. O ideal é alarguemos nossos horizontes, nos apropriemos das possibilidades que existem e sejamos competentes na maior parte delas. Se há quem pense que é preciso ler e escrever primeiro no papel para depois chegar às telas, também há quem pense que nada disso tem regras rígidas. Se o mundo oferece as possibilidades de papel e de crista líquido, então é bom que o leitor saiba que pode ter o domínio de todas. Sabendo usufruir cada uma delas sem ter que deixar de aprender o que os meios lhes oferecem, que são bastante significativos, desde que saibam aproveitar o que tem de útil para seu aprendizado.

Muitos são aqueles que questionam, sobre como, e como aprender, dentro de muitas variedades de leituras. Há sempre perguntas: como fazer o leitor que ler no papel aderir à leitura na tela? Como projetar a informação na tela de forma que o leitor não tenha dificuldades em encontrá-las? Como transferir gêneros e textos do impresso para a tela, resguardando as peculiaridades do novo meio? O que e como são os gêneros de textos que surgem na Internet? Respondê-las é uma tentativa de implementar o letramento digital, mas uma forma de mostrar o conhecimento, além dos estudados com os impressos. Isto é, para se chegar aos textos mais complexos, é preciso uma caminhada maior, começar a conhecer a navegação em ambientes, a participação, a leitura, a publicação. Nos ambientes digitais, a distância entre ler e escrever é muito curta. É plena do leitor.

... o leitor, cada vez mais letrado, deve ganhar a versatilidade de lidar com todos os gêneros, de maneira que não tenha a sensação de complexo estranhamento quando tiver contato com novas possibilidades de texto ou suporte. O letramento, além de significar a experiência com objetos de leitura, também deve possibilitar que o leitor deduza e explore o que pode haver de híbrido e reconhecível em cada gênero ou em cada suporte, e assim, manipulá-lo como quem conquista, e não como quem tem medo. (RIBEIRO, 2005, p.135-136).

Logo, os tipos de textos utilizados como modelos para o ensino são tidos como formas historicamente invariáveis, cabendo ao aprendiz tão somente imitá-los e reproduzi-los. A partir das teorias da atividade verbal, a compreensão da língua apenas como mero instrumento através do qual se reflete a realidade ou como mera ferramenta para a comunicação tem sido posta em xeque. Assim como os contextos sociais são diversos e evolutivos, o modo de utilização da língua também varia. Ou seja, sendo as atividades humanas dinâmicas e variáveis, são também elaboradas maneiras diferentes de se compor textos, sejam falados ou escritos.

Quando um sujeito produz um texto (falado ou escrito), mobiliza uma série de conhecimentos, dentre eles conhecimentos acerca do contexto de produção e dos temas que serão mobilizados no

texto. Com base nestes conhecimentos, o indivíduo escolhe dentre os gêneros disponíveis, aquele que lhe parece mais adequado e eficaz em relação à atividade na qual está inserido.

Falamos apenas através de determinados textos do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas de construção do todo. Dispomos de um rico repertório de textos de discurso orais (e escritos). Em termos práticos, nós os empregamos de forma segura e habilidosa, mas em termos teóricos, podemos desconhecer completamente sua existência (BAKHTIN, 2003. p. 282).

Feita essa exposição dos conceitos de enunciado e gêneros do discurso, como elementos inseparáveis- um constitui o outro -, resta-nos insistir no aspecto referente à correlação entre a atividade humana e o uso da língua. É por essa razão que o estudo dos gêneros estará necessariamente vinculado às esferas de atividades humanas, que se criam e se transformam dentro de um contínuo e interrupto movimento.

Toda prática de ensino da leitura e da escrita está pautada, ainda que de forma inconsciente por parte de seus agentes, nos modos de conhecer a língua e seu funcionamento. Apesar da crítica de que a escola tem baseado seu trabalho predominantemente no ensino da gramática e de que a ênfase na produção escrita na escola. Pode-se alegar que o ensino da leitura e da escrita esteve sempre fortemente atrelado às noções de decodificação e codificação, no entanto, não se pode desconsiderar que tenham sido objetos do processo de escolarização formal.

Logo, alguns questionamentos que se podem levantar quanto ao ensino da produção textual na escola são os seguintes: Pode-se falar em ensino da produção textual ou apenas na presença de atividade de escrita na escola? De que forma a produção escrita tem sido abordada na escola? Que procedimentos têm sido utilizados para ensinar o aluno a escrever? Durante a história da escolarização formal estes procedimentos tem sido sempre os mesmos? Que pressupostos teóricos e metodológicos têm ancorado a prática do ensino da escrita na instituição escolar, principalmente nas séries iniciais do ensino fundamental?

As diferenças dos tipos textuais encontram-se, portanto, nos diferentes propósitos sociais de cada texto. Por isso, escrever uma carta para um amigo não é o mesmo que escrever uma carta para o diretor de uma empresa. A escrita varia também de acordo com a relação estabelecida entre escritor e seu possível leitor. No que se refere.

Ao produzir um texto, o autor precisa coordenar uma série de aspectos: o que dizer, a quem dizer, como dizer. Ao escrever profissionalmente, raras vezes o autor realiza tais tarefas sozinho. Tão logo tenha colocado no papel o que tem a seus potenciais leitores, verá seu texto, ainda em versão preliminar, ser submetido a uma série de profissionais: a leitores críticos, que analisarão

relevância e adequação; a preparadores de originais, que promoverão e eventuais ajustes na redação; a revisores, que farão uma varredura nos originais para localizar e corrigir possíveis deslizes no uso da norma; a coordenadores editoriais, que planejarão a composição final que o texto terá ao ser impresso.

Por esse motivo, um dos temas desse trabalho é a importância de se diversificar a leitura e escrita criando situações autênticas de produção de textos no interior da escola. Isto porque, só a partir do domínio destes diferentes tipos textuais é que o aluno será capaz de responder satisfatoriamente as exigências comunicativas que enfrenta no dia a dia, isto é: “Seleção de procedimentos de leitura em função dos diferentes objetivos e interesses do sujeito (estudo, formação pessoal, entretenimento, realização de tarefa) e das características do gêneros e suporte.” (PCN.MEC/SEF, 2001.P.106.)

Quando estudamos os gêneros textuais damos oportunidade ao nosso aluno, a inserir-se socialmente, formando para a cidadania através das leituras que os gêneros textuais proporcionam as interações verbais, por meio da diversidade textual.

Mas não se pode ter a ilusão de que, ao se tratar dos gêneros na escola, conseguiremos reproduzir dentro da sala de aula as práticas reais de uso destes gêneros. A situação escolar apresenta uma espécie de desdobramento que faz com que os gêneros seja, além de ferramenta de interação social, um objeto de ensino aprendizagem. Em que refletir sobre as diferenças entre as noções de tipo de textos e sua influência no desenvolvimento da leitura e da escrita em diferentes níveis de escolarização. Leve o aluno a refletir sobre suas ações no ato da leitura.

Cada gênero possui sua característica. Entretanto, é importante destacar que não existe um texto que seja, por exemplo, exclusivamente argumentativo. Para facilitar a aprendizagem, entendida que o gênero textual é a parte concreta, prática, enquanto a tipologia textual integra um campo mais teórico, mais formal. “As demais transformações, no entanto, variam de cultura para cultura, de grupo social para grupo social e de sujeito para sujeito” (PCN.MEC/SEF, 2001.P.106.)

Nesse processo cabe discutir sobre o papel da leitura e da escrita na sala de aula, para compreendermos como nos comunicamos e interagirmos com o mundo à nossa volta, é necessário lançar o olhar sobre os modos como produzimos, compreendemos e fazemos circular textos em nossa vida cotidiana, a diversidade nos permite isto, principalmente no contexto escolar.

Quando falamos em gêneros textuais, não estamos nos detendo nos textos literários, mas sim englobando todos os textos da língua, basta que possuam a capacidade de comunicar algo. Os gêneros textuais são as formas como a língua se organiza para se manifestar nas diversas situações

de comunicação. É a língua em constante uso. Enfim, cada gênero textual possui seu próprio estilo e estrutura, possibilitando, assim, que nós o identifiquemos através de suas características. Como o texto possui suas diferentes linguagens nos permeia conceitos dinâmicos no contexto histórico.

Deste modo, entende-se a leitura como uma atividade social e interativa, voltada à construção de sentidos, que são gerados na interlocução leitor- texto- autor através do intercruzamento das várias informações no texto e entre elas e os conhecimentos prévios do leitor.

Para Silva (1996), a capacidade de compreender os textos apresenta-se como um fator crítico da comunicação humana, pois é através da leitura, que os significados transmitidos pela cultura se tornam acessíveis aos indivíduos, que compartilham de uma mesma língua, revelando-se a função do pensamento generalizante da linguagem, restaurado pelo leitor quando do ato da leitura.

Uma vez que a compreensão dela extraída não se apresenta como uma cópia real do conteúdo lido, sofrendo interferência sócio efetivo, - político- cognitiva: Ao mesmo tempo em que, o texto intervém sobre o leitor, modificando o seu modo de perceber e transitar no mundo, conferindo-lhe autonomia.

[...] resgatar a capacidade leitora dos indivíduos significa restituir-lhes a capacidade de pensar e de se expressar cada vez mais adequadamente em sua relação social, desobstruindo o processo de construção de sua cidadania que se dá pela construção do sujeito, isto é, fortalecendo o espírito crítico. (YUNES, 2002, p.54)

Porém, cada vez que usamos da fonte do saber, construímos relações com o meio textual, isso porque cada um extrai o que lhes tem de útil para o seu crescimento diante do conhecimento adquirido em meios as leituras dos diversos textos por eles escolhidos, fortalecendo sua autoestima no meio social e criando situações crítica por meio dos textos.

Como profissionais, buscamos nos gêneros textuais, uma forma de chamar atenção dos alunos como leituras inovadoras, se elencarmos os tipos de textos que temos acesso durante o dia, há grande variedade, buscamos incentivar nosso aluno desde os mais simples que para eles, não interessam, como lê um jornal, pegar um folheto de propagando que sempre encontramos na nossa porta logo amanhecer, ir à escola e fazer leituras dos seus livros didáticos, fazer leituras dos seus exercícios diários, ler um enunciado que se encontra nos corredores da escola, como avisos, informações entre outros. São infinitades tipos de leituras que circunda no dia a dia.

O que nos difere em trabalhar essa diversidade é o fato de não darmos importância ao que lemos, diante disto achamos fundamental trabalhar a diversidade nas aulas de História, levando-o o aluno buscar outra forma de conhecer a leitura e também de produzir suas Histórias, dando ênfase em suas produções.

Uma das formas encontrada no momento trabalhada pela professora também, foi a escolha de cordel com os alunos despertando o gosto pela leitura até a produção de um cordel na sala de aula com seus alunos. Que ao decorrer do artigo será colocado em prática juntos aos textos escolhidos pelos alunos e professora. Isto facilitou a comunicação entre os alunos, à discussão sobre o gosto pela leitura e o aprimoramento na hora da escrita.

As muitas formas de trabalhar os gêneros textuais na prática, é proporcionar o entendimento contextual do texto e o leitor, por isto procuramos adequar de acordo as nossas turmas, interagindo ao conteúdo abordado e dando ênfase a leitura e escrita. Como eles (as) atuam como leitores, comparando diferentes versões com o objetivo de refletir sobre os recursos linguísticos escolhido pelos autores. Todos caracterizam a ideia e escrevem o que de fato entendeu, assim, uma nova produção surge, com diferentes propósitos, inclusive o uso da ortografia e da gramática em situações reais.

### **Metodologia**

Como metodologia usamos o método qualitativo, apresentado na Escola Mun. De Ens. Fund. Geraldo Luíz de Araújo, do município de Areial, do Brejo paraibano. Com a participação de 50 alunos do 8º ano “A/B”, e 50 alunos do 9º ano “A/B”, no turno manhã da mesma escola, com as professoras Wanderléia Dias de Melo, Daniely Dornelles e o professor Germano Xavier todos de História. Em que presenciamos o momento que alunos e professores estavam na biblioteca escolhendo textos para leitura, ficamos a observar aqueles movimentos, fizemos entrevistas, para saber como os alunos estavam lhezando com a diversidade dos textos entregues. Passando-se uma semana, voltamos a sala da professora para retomar toda aquela ação, foi feito a escolha pelo aluno, depois a leitura dos Gêneros textuais por grupo, escrita de textos sobre o que o aluno entendeu, colagem dos mesmos em cartolina, apresentação de cada grupo com seu Gênero textual, e exposição nos corredores da escola, chamando atenção de toda comunidade escolar.

Presenciamos muita empolgação dos alunos ao realizarem atividades bem diferentes da qual costumavam fazer, eles escolhiam conversando sobre a escolha que estavam fazendo e relatando sobre o tipo de texto que buscavam para fazerem suas produções. Pois:

Dessa forma, levamos os alunos a um mundo bem diferente entre o conhecimento diferenciado, pois o estudo com meios que foge do padrão dos livros didáticos torna-se mais instigante a leitura e estimula o aluno a buscar uma leitura que não seja obrigatória no meio escolar.

### **Análise de dados**

A observação foi realizada na Escola de Ensino Fundamental Geraldo Luíz de Araújo a partir do confronto entre as representações acerca da escrita e o ensino metodológico as leituras dos professores em sala de aula. Para isso, utilizamos a análise das anotações e observações feitas pela professora, uma vez que este material apresenta toda uma reflexão sobre a prática educativa da professora de História, quanto ao uso da leitura e escrita. Embora professores estivessem se referindo não somente ao ensino de diferentes gêneros, mas especificamente à leitura e escrita, eles trazem à tona uma questão que tem ocupado com o ensino da escrita na escola: o ensino sistemático da produção leitura e escrita.

Com relação ao acesso aos diferentes textos, aqueles constituídos por textos descritivos e narrativos seriam considerados mais fáceis de serem compreendidos e produzidos pelos alunos, enquanto que os textos dissertativos seriam considerados mais difíceis de serem trabalhados, ficando reservados para as séries mais adiantadas.

O que analisamos pelas práticas dos professores que estavam envolvidos e alunos, é que, os textos vêm como auxílio a orientação do complemento do uso diário nas salas de aula, relativo ao contexto do livro didático que na maioria das vezes utilizam nas discussões. A variedade de textos parece estar presente na rotina escolar, muitos mais como modelos a serem apresentados do que a serem ensinados. A escrita, então, constitui-se num objeto de aprendizagem, que é aprendido através do contato com os textos, e não de ensino, sendo a competência para escrever textos.

Diante do propósito pesquisado, sobre as práticas da leitura e escrita, nós fizemos uma pesquisa sobre os diversos textos, ou seja, os gêneros textuais que estão disponíveis no cotidiano do aluno, para saber em que se fundamenta o gosto pela leitura ao pegar um texto fora do texto didático, isto também incluindo o cordel trabalhado pela professora descrito antes, como também do ponto de vista dos teóricos, e como referência a prática da professora, nos incentivou a pesquisar como esses textos podem auxiliar nos trabalhos de professores e outras instituições, levando-o ao conhecimento e podendo realizar atividades de leitura de forma dinâmica e prazerosa ao fazer uso da diversidade dos textos.

Como é de costume no início do ano letivo as aulas começam sem os livros didático, por não estarem completo para entrega ao aluno, nós como educadores, vamos sempre a biblioteca a busca desses livros, isto, chegando lá, encontramos uma turma de alunos e sua professora a escolha de textos para o estudo, nos chamou atenção, paramos e ficamos a observar aquele momento, fizemos entrevistas com alguns alunos para saber como eles estavam lido com a diversidade dos textos entregues pela professora. Passando-se uma semana, voltamos a sala da professora para retomar toda aquela ação.

A professora indicava os tipos de textos e os alunos procuravam em meios os papéis em montes, sob ordem, organizando em suas mesas, depois formando grupos pelos títulos escolhidos, onde cada um faz suas leituras, escrevendo suas anotações no caderno com a orientação da professora, em diante discute com o grupo individual analisando os textos produzidos, pedindo-lhes para cada aluno colocar em uma cartolina, após cada grupo estar com o trabalho pronto fazem suas apresentações para os outros da sala, fazendo fotos e filmagem de toda ação no momento. Terminando as apresentações dos grupos, seguem com os alunos ao corredor da escola, pregando os cartazes, chamando atenção de toda comunidade escolar. Enquanto o cordel produzido na aula de aula no momento em que os alunos liam os outros textos, ficou para um outro momento de apresentação. Que mais adiante será mostrado.

Uma das vantagens desse estudo é o fato dele envolver o aluno, fazendo-o realizar sua leitura, buscando a compreensão e desenvolvimento intelectual. O estudo levará o aluno, por intermédio de etapas bem definidas, a desenvolver a “capacidade de interpretação” (CALIATO, 2005 p.41), que seja com assistência mais direta do professor, quer seja com instituições que orientarão o aluno a caminhar sozinho entre os meados do texto.

Os cartazes espalhados pela escola tornaram-se um ambiente de conforto e confiabilidade para os alunos que circulam em suas dependências, chamando atenção de quem passa, não há quem passe sem antes dar uma olhada além de colaborar com a curiosidade dos mesmos, dando enfoque aos gêneros textuais nos diversos momentos históricos. Enquanto o cordel realizado no momento das leituras e apresentação os textos, foi o seguinte, o momento foi escolhido em outro dia no pátio da escola com a presença da escola toda a assistir, pois os temas escolhidos pelos(as) foram debatidos entre eles e resolveram trazer músicas que fazia parte ao tema escolhido e trazendo para escola para apresentar em forma de sarau, todos reunidos em silêncio e apreciando aquele momentos, isto servia como exemplo para que outros professores pudesse buscar meios de trabalhar

diferente, apareceu até um matemático que se propôs em trabalhar o cordel com uma turma para saber de dava certo, foi um sucesso.

A divulgação dos trabalhos desenvolvidos durante a execução do Projeto, foi feita mediante o evento realizado na própria escola. Após os trabalhos concluídos, voltaram todos a sala de aula, continuando o debate sobre os trabalhos realizados. Promovendo discussões sobre o que foi lido e apresentado, favorecendo a compreensão da história escrita pelos alunos (as). Assim tornando a produção textual verbal e não verbal acessível ao conhecimento de todos que fazem parte da comunidade escolar.

A avaliação foi realizada mediante os trabalhos desenvolvidos na sala de aula, com a professora e alunos dos 8º anos “A, B” e os 9º anos “A, B” da Escola Ensino Fundamental Geraldo Luíz de Araújo. Situada em Areial no Agreste Paraibano, ministrado nas aulas de História. Nosso objetivo foi apresentar estratégias nas diferentes situações que envolvessem a leitura, a escrita nos diversos textos, cabe lembrar que além dos textos impressão que foram utilizados pela professora e alunos, foram feitos também uso do texto virtual, bem como o planejamento e as especificidades do ato de escrever, alcançando os objetivos mais amplos e relevantes, sejam considerados a favorecer contato positivo ao aluno, nos diferentes momentos da escolha textual e suas produções. Levando-o ao aprendizado global e conhecimentos práticos, com a leitura diferenciada. A Prática da leitura: Ações a partir da leitura e escrita de gêneros textuais diversos. Propiciando a interação das turmas entre as entrelinhas dos textos e compreensão a diversidade de textos encontrada nas paredes da escola, permitindo assim, a construção de conhecimentos e melhorando o ambiente escolar, os alunos ficaram interessados em saber as informações que os textos continham, podendo chamar a atenção de outras que passavam no local.

## **Conclusões**

O trabalho possibilitou questionar sobre as formas de leituras e escritas, apresentada nos diversos textos que circulam no meio social, discutindo os conceitos de leitura e escrita, de acordo com os objetivos, numa multiplicidade de sentidos e que ao mesmo tempo, delimita as possibilidades desta variação, denominada o jogo do prazer que a leitura proporciona através dos diversos textos como instrumento didático a despertar o gosto pela leitura.

Na pesquisa ficou bem claro, que alunos e professores cada vez mais estão buscando novas formas de aprender, desde os diversos textos escolhidos, quanto ao uso dos tecnológicos, atento que ainda alunos preferem as telas dos digitais, diante do que apresentou neste trabalho, vimos que os

avanços na teorização são expressivos, porém, estes avanços não refletem na prática que ainda é muito presente nas salas de aula; uma prática com características diferentes, sem serem consideradas as especificidades do seu público, da sua identidade, cultura e necessidade.

### **Referencia bibliográfica**

BAKHTIN, M. \_\_\_\_\_. Estética de Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003. P. 283.

CALIATO, Susana G. A avaliação da escrita em Jovens e Adultos. 2005. Dissertação de Mestrado- Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas, 2005.

RIBEIRO, A. E. **Ler na tela- Letramento e novos suportes de leitura e escrita.** In: Linguagem e Ensino, Pelotas, v. 9, n. 2, jul. / dez. 2006.

RODRIGUES. Melânea, Ministério da Educação e do Desporto. Plano Decenal de Educação para todos. Brasília, 1993, p.53.

SAVIANI, D. Pedagogia: o espaço da educação na Universidade. Cadernos de Pesquisa. V. 37, N. 130. São Paulo, Janeiro (Apr., p.99-134) 2007.

SILVA, F. T. **O ato de ler:** fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura (7º ed.). São Paulo: Cortez, 1996.

YUMES, Eliana. **Dados para uma história da leitura e da escrita.** In: \_\_\_\_\_. (Org.). Pensar a leitura: Complexidade. São Paulo: Loyola, 2002. P. 52-59.